

XXXIV Encuentro Arquisur.  
XIX Congreso: “CIUDADES VULNERABLES. Proyecto o incertidumbre”

La Plata 16, 17 y 18 de septiembre.  
Facultad de Arquitectura y Urbanismo – Universidad Nacional de La Plata

EJE: Investigación  
Área 3 – HISTORIA DE LA ARQUITECTURA, LA CIUDAD Y EL TERRITORIO

## **PATRIMÔNIO DO SÍTIO INDUSTRIAL DE PAULO AFONSO**

**Antonio Marcos LIMA DE OLIVEIRA**

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA/ FACULDADE DE ARQUITETURA - PROGRAMA DE PÓS  
GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO - <http://www.ppgau.ufba.br/>  
Rua Caetano Moura, 121, Federação - CEP: 40210-905 - Salvador - Bahia - Brasil  
Tel: 55 (071) 8725-7466 – [amarcoslo@gmail.com](mailto:amarcoslo@gmail.com)

### **RESUMO**

A modernidade teve origem, no século XIX, como o sistema da sociedade industrial, estendendo-se pelo século XX, quando as grandes cidades absorviam a todo vapor grande volume populacional, devido ao advento da modernização na vida urbana e, conseqüentemente, absorviam todos os problemas relacionados à vida social nos criados bairros industriais.

No Brasil, as primeiras décadas do século XX foram marcadas pela transformação de cidades, bem como pela construção de novas estruturas urbanas, no modelo cidade jardim, destinadas aos trabalhadores das indústrias.

É neste contexto, que se origina a cidade de Paulo Afonso no Estado da Bahia, em 1948, constituída por um patrimônio num sítio industrial muito particular e de extraordinária importância como conjunto. Ali estão os testemunhos da história do urbanismo moderno e de arquiteturas com concepções diversas, e que narram também a evolução das técnicas de produção energética.

Por outro lado, nos últimos anos, este sítio industrial vem sofrendo intervenções que estão o descaracterizando, progressivamente, perdendo a leitura de sua integridade, sendo substituída por uma percepção fragmentada do sítio, onde cada elemento arquitetônico passa a ser um artefato autônomo sem as suas relações originais com o ambiente urbano. Este é o percurso trilhado naquela cidade.

**PALAVRAS-CHAVE: VILA OPERÁRIA; MODERNISTA E NEOCOLONIAL; SEGREGAÇÃO; AMBIÊNCIA; PATRIMÔNIO INDUSTRIAL.**

### **OBJETIVO**

Demonstrar que o sítio industrial em estudo, mesmo dotado de valores arquitetônicos e urbanístico, bem como tendo valor para própria história da industrialização no Brasil, tornou-se vulnerável devido à falta de reconhecimento e de uma política de salvaguarda de seu patrimônio.

### **JUSTIFICATIVA E METODOLOGIA**

Este artigo é baseado na pesquisa, em andamento, que é destinada à construção de dissertação de mestrado na linha de Conservação, Restauro e Gestão de Bens

Patrimoniais, e intitulada de "Patrimônio do Sítio Industrial de Paulo Afonso: a cidade da CHESF".

Como metodologia para alcançar o objetivo deste artigo, ou seja, demonstrar a vulnerabilidade do objeto em estudo, utilizar-se-á dois exemplos de intervenções realizadas naquele sítio industrial, as quais vêm alterando as ambiências e descaracterizando o seu patrimônio edificado.

## 1. INTRODUÇÃO

Paulo Afonso é uma cidade situada à margem do Rio São Francisco<sup>1</sup>, localizada no Estado da Bahia, na divisa com os Estados de Alagoas e Pernambuco. Desde o Brasil colônia recebeu grande atenção por conta de sua Cachoeira.

Em 1948, a Companhia Hidroelétrica do São Francisco - CHESF foi criada com a missão de produzir energia hidroelétrica, instalando uma usina na cachoeira de Paulo Afonso.

A construção do **patrimônio no sítio industrial**, que se estabeleceu na cidade de Paulo Afonso, fez-se através de artefatos arquitetônicos com linguagens contemporâneas distintas e que se contrapunham através dos discursos de seus defensores: de um lado a **arquitetura neocolonial** que é encontrada nas edificações mais importantes da cidade; por outro lado, produziu-se também uma **arquitetura moderna**, de matriz corbusiana, de grande importância para história da arquitetura brasileira, além de outros artefatos do Complexo das Usinas e do muro que dividiu a cidade.

À época, a construção do complexo hidroelétrico trouxe como promessa o desenvolvimento da Região Nordeste do Brasil, gerando expectativas de empregos na nova companhia, atraindo trabalhadores de cidades vizinhas e de outras regiões, os quais construíram uma vila espontânea, paralela à cidade da CHESF, chamada de Vila Poty. Estas duas vilas eram separadas por um muro de pedras constituído por guaritas controladas por milícia armada.

Este quadro muda quando, em meados de 1980, o muro é derrubado. Este episódio fragilizou a estrutura administrativa da CHESF e a sua cidade passou a ser administrada pela Prefeitura Municipal de Paulo Afonso e, com essa nova administração, abriu-se espaço à especulação imobiliária e, conseqüentemente, à descaracterização do seu patrimônio edificado.

## 2. O SÍTIO INDUSTRIAL DE PAULO AFONSO

O pequeno núcleo de povoação do município de Glória-BA, conhecido como Forquilha, era apenas conhecido por sua cachoeira quando o Governo Federal, em 15 de março de 1948, criou a Companhia Hidroelétrica do São Francisco - CHESF<sup>2</sup> com a finalidade de aproveitar o potencial da Cachoeira de Paulo Afonso para geração de energia elétrica.

A principal característica do plano hidroelétrico de Paulo Afonso é ter as primeiras usinas (PA-I, II e III) subterrâneas instaladas no Brasil. Suas turbinas se encontram a mais de 80 metros abaixo do nível do rio São Francisco.

---

<sup>1</sup> O Rio São Francisco é conhecido como o rio da integração nacional no Brasil.

<sup>2</sup> No Diário Oficial nº 228, publicado em 9 de outubro de 1945, seção I (Ato do Governo), consta o Decreto-Lei número 8.031 de 3 de outubro do mesmo ano, o qual autoriza a criação da Companhia Hidroelétrica do São Francisco. No artigo primeiro desse decreto, estabeleceu-se que o Ministério da Agricultura deveria organizar uma sociedade por ações, com sede e foro na cidade do Rio de Janeiro, a qual seria destinada ao aproveitamento do potencial hídrico do rio para a produção industrial de energia elétrica.

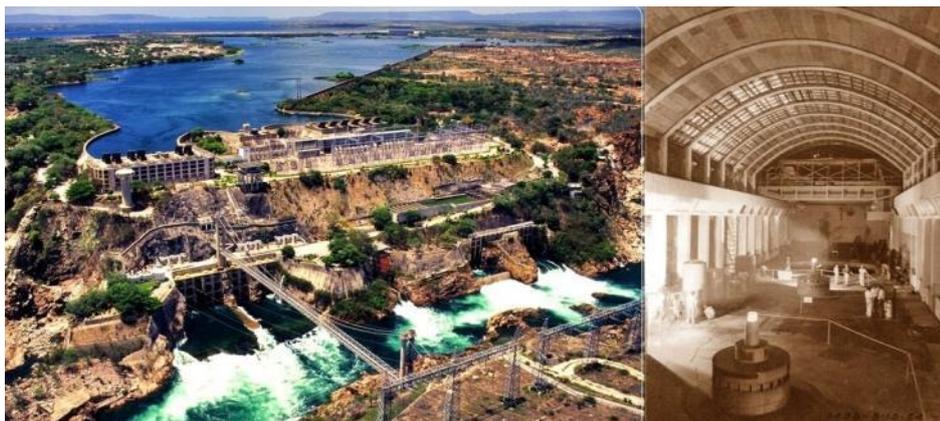


Fig. 1: Complexo de Usinas (PA I, II e III) e Sala das Turbinas (a direita).

Datas fotos: 2011 e 1954 (foto a direita). Fonte: Internet e Memorial CHESF (foto a direita).

O acampamento de obras se localizou nas terras da Fazenda Forquilha e, em torno das instalações das Usinas, cresceu a cidade de Paulo Afonso no nordeste do Estado da Bahia, a cerca de 480 km da capital baiana.

A cidade planejada pela empresa era conhecida, genericamente, por Vila Operária ou Acampamento da CHESF, sendo projetada em 1948 e implantada imediatamente. Este plano teve sua concepção baseada no urbanismo moderno, seguindo as diretrizes de planos da época, notadamente o modelo "cidade jardim".

Segundo o que Gomes (2005, p. 13) afirma:

*"Ao longo das três primeiras décadas do século XX, estabelecem-se e consolidam-se as bases de uma cultura urbanística no país, representada pela prática fornecida pelo primeiro ciclo de modernização das cidades. [...] estava em jogo a adequação das cidades a uma nova ordem econômico-social, a solução de graves problemas relacionados à saúde pública, a necessidade de re-adequar a estrutura urbana a formas mecanizadas de transporte de pessoas e mercadorias e a necessidade de marcar a inserção do Brasil republicano no 'concerto das nações civilizadas', demonstrando sua efetividade pela adesão a ideais estéticos europeus [...]"*

O programa do conjunto planejado se constituiu por: vias hierarquizadas com traçado radial e concêntrico; segregação entre a vila operária e vila dos técnicos e engenheiros; baixa densidade construtiva; casas construídas de forma isolada em seus respectivos lotes; clubes (dos operários e dos técnicos e engenheiros); centro médico; campo de aviação; hotéis; mercado; padaria; escolas; áreas administrativas; além de um conjunto de praças, área verdes e lagos artificiais.



Fig. 2: vista aérea da Vila Operária. Data foto: 1949. Fonte: Memorial CHESF.

Em análise às edificações do plano, pode-se encontrar duas manifestações distintas da arquitetura na cidade: a Modernista e a Neocolonial.

O Grande Hotel é um exemplar da arquitetura Modernista na cidade, projetado em 1947 pelo arquiteto baiano Diógenes Rebouças, tendo sido implantado à margem do cânion do Rio São Francisco e próximo às usinas (PA I, II e III). Na sua concepção, percebe-se as características de composição da arquitetura moderna, de matriz corbusiana<sup>3</sup>, e uma nítida relação de “harmonia” entre arquitetura e paisagem, sendo elogiado pelos colegas cariocas, após enviar o anteprojeto, conforme o que observa Andrade Junior (2012) em relação ao relato do diretor do DPHAN (atual IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional):

*“[...] a propósito do ante-projeto do hotel destinado a turistas em Paulo Afonso, venho reiterar-lhe meus sinceros agradecimentos pelo serviço extremamente valioso prestado não só à Companhia Hidro-Elétrica do São Francisco, mas também a esta repartição. Reitero-lhe, igualmente, minhas felicitações calorosas pelo notável trabalho que realizou e que tem sido apreciado quanto o merece quer pelos seus colegas desta Diretoria – [Renato] Soeiro, [José deSouza] Reis e Alcides Rocha Miranda –, mas também pelo mestre Oscar Niemeyer, a quem o mostrei hoje e que o louvou devidamente. O Lucio [Costa] é que ainda não pôde vê-lo, porque está em preparativos para uma viagem à Europa e não tem tido folga para se demorar comigo.” (ANS/IPHAN-SO, Cx.0020, P. 0088/ APUD Andrade Junior, 2012).*

Esta manifestação se deu não apenas no Grande Hotel projetado por Rebouças, mas também no projeto do mesmo autor para o Hospital Regional (atual quartel do Exército Brasileiro), bem como nas construções do complexo de usinas.

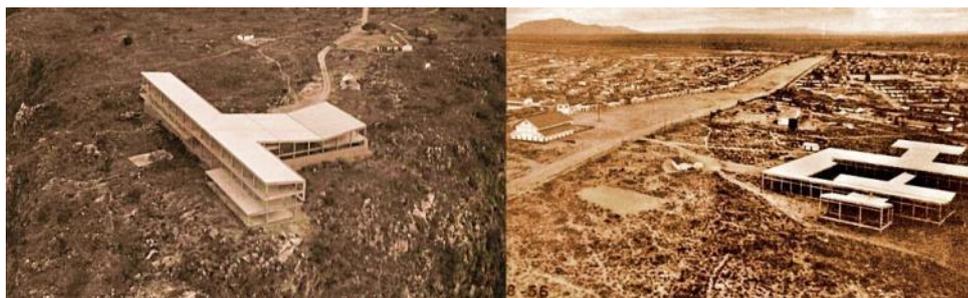


Fig. 3: Grande Hotel (a esquerda) e Quartel do Exército (a direita). Datas fotos: 1951. Fonte: Memorial CHESF.

A arquitetura Neocolonial, por sua vez, manifesta-se na maioria das edificações do plano como, por exemplo, escolas, clubes e igreja. Esta arquitetura é citada na historiografia de modo impessoal e sem qualquer tipo de classificação e autoria<sup>4</sup>, revelando um silêncio que denuncia o desdém ao patrimônio (não reconhecido) por parte dos órgãos de salvaguarda e da própria história da arquitetura brasileira.

*“Este padrão construtivo, que se vincula à arquitetura neocolonial ainda bastante difundida no Brasil nos anos 1940, pode ser encontrado também,*

<sup>3</sup> Entende-se, aqui, por “arquitetura modernista de matriz corbusiana”, àquela defendida por Le Corbusier em “Les 5 ponts d’une architecture nouvelle”, sintetizados por Frampton (1980, p.188):

*“[...] ‘cinco pontos’: 1) os pilotis que elevavam a massa acima do solo, 2) a planta livre, obtida mediante a separação entre as colunas estruturais e as paredes que subdividiam o espaço, 3) a fachada livre no plano vertical, 4) a longa janela corredeira horizontal, ou fenêstre em longueur, e finalmente 5) o jardim de cobertura que supostamente recriava o terreno coberto pela construção da casa.”*

<sup>4</sup> A este respeito, por exemplo, na revista comemorativa de Paulo Afonso, Silva (1981, p. 5 e 32) descreve o clube dos técnicos e engenheiros: “Outro clube da Chesf - O CPA - oferecia aos técnicos e engenheiros que vinham de grandes centros, um pouco de conforto que eles deixaram em suas cidades para vir a Paulo Afonso prestar seus serviços especializados as obras da hidreletrica do Sao Francisco”; e, adiante, continua: “Fundado em 31 de maio de 1951, possui instalações para atender aos associados mais exigentes. Além de salões de baile, e de jogos, possui boate, piscinas, saúna, quadras de tênis e de futebol de salão. Também possui cinema e parque de diversões. Sua diretoria tem trazido os grandes nomes da música e do show no Brasil e já é tradicional em suas instalações a Festa do Nordeste, promovida pelo Lions Club, em novembro de cada ano [...]”.

*ainda que com variações, nos edifícios mais importantes da cidade, como a Igreja de São Francisco (1949), as três escolas – Murilo Braga, Alves de Souza e Adozindo Magalhães de Oliveira -, o COPA (Clube Operário de Paulo Afonso, 1950), o CPA (Clube Paulo Afonso, 1950), o Posto de Puericultura (1953), o Restaurante, a Casa de Hóspedes (1951) e a Casa da Diretoria. Ele é encontrado ainda em algumas edificações localizadas no Complexo de Usinas da CHESF [...]” (Andrade Junior, 2010, p. 17).*

Segundo Kessel (2008, p. 13):

*“[...] O neocolonial pode ser visto como um estilo que, a partir da arquitetura, alcançou o mobiliário e outras artes utilitárias. Talvez tenha sido um dos últimos inventados pelos teóricos, artistas, arquitetos e historiadores acadêmicos. Entretanto, antes de ser um estilo, foi, sobretudo, um movimento artístico-cultural. Configurou-se por meio do debate de idéias e ações que constituíram um glossário de formas arquitetônicas destinadas a caracterizar – em pedra e cal – a nacionalidade, gerando obras que pretendiam instituir ambientes brasileiros genuínos, por serem condizentes técnica, bioclimática e culturalmente com a vida no país.”*



Fig. 4: Casa de Hóspedes e Igreja São Francisco (Neocoloniais). Fonte: fotos do autor de 2001.

Em síntese, este é o panorama do patrimônio referente ao sítio industrial<sup>5</sup> de Paulo Afonso, formado por um plano urbanístico no modelo cidade-jardim, por edificações modernas de matrizes diversas, pelo Complexo das Usinas e por outros artefatos que constituem esse patrimônio como, por exemplo, o muro que dividia a cidade.

### 3. O MURO ENTRE DUAS VILAS

A partir do desenvolvimento das obras no complexo de usinas da CHESF, diversos trabalhadores de cidades da região foram atraídos pela expectativa de emprego na nova companhia. Assim, progressivamente e espontaneamente, foram construindo uma nova vila, formada por casas geminadas e modestas, denominada de Vila Poty<sup>6</sup>.

A Vila Operária da CHESF e a Vila Poty tinham infraestruturas díspares, pois enquanto a vila da empresa dispunha de estrutura planejada e completa, por outro lado, a vila espontânea era deficiente em infraestrutura básica. Outrossim, estas vilas eram separadas por uma cerca de arames farpados, a qual evoluiu ao longo do tempo, até tomar a sua forma

<sup>5</sup> O patrimônio de sítio industrial, entendido aqui, é aquele onde o sítio industrial é composto por um grupo de edificações e espaços que envolvem e são vinculados entre si em função de um processo produtivo. Sua importância é crucial para a história da industrialização no Brasil, conforme o que Rufinoni (2013, p.193) ressalta: “[...] A importância e a relevância cultural dos sítios industriais estão diretamente relacionadas à apreensão dessas especificidades, ao entendimento das qualidades materiais, espaciais, compositivas, sociais, memoriais, que concorrem para a configuração de tal cenário – em síntese, os elementos que definem a ‘personalidade’ de uma dada região [...] Nessas áreas, a procura pela funcionalidade e a otimização de fluxos produtivos e logísticos criou uma configuração própria e dinâmica que ao se transformar de acordo com a evolução dos sistemas produtivos, permite a observação de diferentes períodos da história da técnica e da própria urbanização [...]”.

<sup>6</sup> Denominação devido ao uso de sacos de cimento, da marca Poty, descartados pelas obras, para cobrir os humildes barracos dos retirantes.

mais robusta: um muro de pedras com, aproximadamente, um metro e cinquenta centímetros de altura.

Ao longo do muro se localizavam guaritas com vigilância permanente de milícia própria da empresa, e os trabalhadores chesfianos só tinham acesso à Vila Operária após apresentarem identificação própria.

Em suma, o muro foi um artefato que teve grande importância para CHESF, a qual o manteve até meados de 1980, sendo um testemunho das formas de controle da população de vilas operárias. Outrossim, ainda é possível encontrar fragmentos deste muro e das guaritas na cidade.



Fig. 5: vista do muro de pedras. Data foto: 1972. Fonte: Fátima dos Santos.

#### **4. A DISTOPIA DO PERÍODO PÓS-MURO: ABERTURA E INTERVENÇÕES CONTEMPORÂNEAS**

Nos últimos anos do governo militar, a partir de pressões populares, o muro que dividia a cidade é derrubado com a permissão da CHESF. Este movimento foi capitaneado pelo prefeito da época, Abel Barbosa, conforme o seu relato:

*“[...] foi uma ação para lavar a alma quando dei as primeiras marretadas, no gesto simbólico da derrubada do muro que durante décadas separou os moradores da Vila Poty e depois cidade de Paulo Afonso do Acampamento da Chesf. Ao longo do muro fiz um loteamento para construção de bares, lojas comerciais, hotéis, ficando a Avenida Getúlio Vargas, a antiga Rua da Frente, com duas ruas comerciais.”* (Abel Barbosa, APUD Silva, 2014, p. 46)

Este episódio foi um divisor de águas para a história da cidade, pois, conseqüentemente, com a comprovação dos governos e planos neoliberais da última década do século XX, a CHESF teve a sua estrutura administrativa fragilizada e a sua vila foi desvinculada da empresa, passando ao longo dos anos a ser administrada pela Prefeitura Municipal da cidade.

Com abertura para uma nova administração, bem como pelo fato da empresa ter criado um programa de repasse de suas casas aos seus funcionários, através de venda a baixo preço, fez com que a iniciativa privada se apropriasse de algumas edificações e, dentro de uma lógica da especulação imobiliária, conseqüentemente, foram perdendo a sua configuração espacial ou sendo abandonadas e até demolidas, provocando o surgimento de fraturas urbanas e descaracterização do patrimônio no sítio industrial.

*“A CHESF, em atendimento ao processo de desmobilização estabelecido pelo Tribunal de Contas da União, vinha desde 1995 contratando avaliações junto à CAIXA, para obter os valores de mercado que subsidiassem a venda de 5.000 unidades habitacionais. Deste total, apenas 1.500 unidades foram vendidas restando 3.500 unidades e o ônus da manutenção das mesmas gerava impactos no resultado operacional da CHESF. Isto se devia em parte a promulgação da LEI 8.883/94, cujo art.17 estabelecia que esses imóveis deveriam ser alienados aos seus possuidores diretos, ou na falta destes, ao Poder Público.”* (Braz, 2006, p. 2-6).

Com a derrubada da maior parte do muro, foram construídas diversas edificações ao longo deste artefato. Entretanto, partes do muro foram mantidas, ficando tangenciadas às novas construções, as quais tinham gabarito limitado até dois pavimentos no fim da última década do século XX.

A partir deste momento, para efeito de demonstração, foram escolhidos dois casos para ilustrar o contexto de intervenções sobre a preexistência arquitetônica no sítio industrial de Paulo Afonso. Assim, serão apresentados os seguintes casos:

- Mudança na Ambiência da Praça do Coreto, a partir da construção do prédio de eventos do San Marino Hotel; e
- Mudança na Ambiência da Igreja São Francisco de Assis através de construções comerciais na sua vizinhança.

#### 4.1. Mudança na Ambiência da Praça do Coreto

O PDDU (Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano) de Paulo Afonso foi aprovado no ano de 2000, quando foi estabelecido que no sítio onde se encontra a Vila Operária (bairro Alves de Souza) estaria liberado para construção de até três pavimentos, impulsionando o mercado imobiliário para construção de prédios de residência multifamiliar e prédios comerciais, acelerando o processo de descaracterização da arquitetura de base e da ambiência<sup>7</sup> dos monumentos.

**Ordenamento para o Uso e Ocupação do Solo Urbano**

ZONA	LOCALIZAÇÃO	USOS PERMITIDOS	RESTRIÇÕES DE OCUPAÇÃO								
			IU	IP	IO	LOTE MÍNIMO		RECUO MÍNIMO (m)			GABARITO
						ÁREA (m <sup>2</sup> )	TEST. MÍN.(m)	FRENTE	LAT.	FUNDO	
ZR1	ALVES DE SOUZA	UNIFAMILIAR	0,8	0,2	0,4	250	10	4	1,5	2,5	2 PAV
		MULTIFAMILIAR	1	0,2	0,5	450	12	4	1,5	2,5	3 PAV
		COMÉRCIO / SERVIÇO	0,8	0,2	0,4	250	10	4	1,5	2,5	3 PAV
		INDUSTRIAL	0,8	0,2	0,4	250	10	4	1,5	2,5	2 PAV
		MISTO	0,8	0,2	0,4	250	10	4	1,5	2,5	3 PAV

Fonte: Termo de Referência e Políticas Urbanas - PDDU de Paulo Afonso. Ano: 2000

As mudanças previstas no PDDU, associadas com a falta de fiscalização, falta de controle, e pelo silêncio da administração municipal derivou em intervenções mais radicais na preexistência como é o caso da construção de um "prédio para eventos" constituído por oito pavimentos, localizado na antiga "Rua A" da Vila Operária — esta intervenção desconsidera totalmente a preexistência e os índices para ocupação e aproveitamento do solo urbano instituídos na lei.

O prédio de eventos, pertencente ao San Marino Hotel, foi construído há cerca de dois anos, projetado por uma arquiteta local. Este prédio se configura como uma intervenção de contraste radical em relação à preexistência, desconsiderando diversos aspectos relativos à arquitetura da Vila Operária, haja vista que além de superar radicalmente o gabarito da preexistência e o gabarito previsto em lei, difere-se em volumetria, densidade, ritmo e textura na fachada.

<sup>7</sup> A ambiência é entendida aqui como um aspecto de relações entre um monumento e sua arquitetura de base, as quais doam o caráter ambiental particular de cada conjunto. Este aspecto é melhor dissertado por Giovannoni (1929, p. 191, APUD Andrade Junior, p. 2, 2008):

*"Milhares de cidades e burgos da Itália, como Verona, Siena, S. Gimignano, Pienza, Viterbo (...) apresentam exemplos visíveis desta vida arquitetônica expressada nas obras menores e nos conjuntos edificados. Alguns destes exemplos, nos quais todo um núcleo urbano ou todo um bairro é monumento, do qual nenhum elemento poderia modificar-se sem alterar o caráter ambiental. (...) Eles fazem parte do mais amplo tema dos conjuntos irregularmente pitorescos nos quais o valor do ambiente e do todo espontaneamente composto é a própria essência da arquitetura"*

Em relação a este último aspecto do conflito, a textura de sua fachada parece estar associada ao uso banalizado de revestimentos comercializados por lojas de grifes que vem se estabelecendo na cidade nos últimos anos, ou seja, é apenas uma construção de suporte para divulgação de revestimentos de grife, sem expressão significativa ou qualquer tipo de contribuição à arquitetura contemporânea.

Para demonstrar melhor a ruptura estabelecida através da construção deste prédio, é necessário esclarecer que ele está situado numa preexistência de casas térreas, edificadas para os operários da CHESF, e em frente à Praça do Coreto, onde, tradicionalmente, eram desenvolvidos diversos eventos festivos e cívicos da vila.



Fig. 6: Praça do Coreto e Prédio de Eventos. Datas fotos: 1950/2014. Fonte: Memorial CHESF/foto do autor.

A Praça do Coreto também perdeu a sua configuração, ao longo dos últimos anos, quando construíram diversos quiosques comerciais (bares/lanchonetes) e transformaram grande porção da praça num estacionamento devido à demanda de carros originada pelo San Marino Hotel, o qual não dispõe de estacionamento próprio.

Afinal, esta intervenção mudou a ambiência da Praça do Coreto, contribuindo para destruição parcial da arquitetura de base (as casas de operários) e fragmentando a percepção do conjunto, firmando-se como um elemento autônomo sem relação harmônica com o ambiente preexistente, sem sentido e sem propósito, apenas como um elemento representativo da força dos empreendedores imobiliários na cidade, os quais se mostram descompromissados com o patrimônio edificado.

#### **4.2. Mudança na Ambiência da Igreja São Francisco de Assis**

A Igreja São Francisco de Assis foi um dos primeiros monumentos construídos na Vila Operária, concluída em 1949, sendo implantada sobre uma pequena colina. A sua ambiência tem, como particularidade, um entorno imediato formado por um grande largo limitado por árvores de pequeno porte e pelas "casas térreas" dos operários nos quarteirões limitados pelas ruas arredor da igreja. Assim, por conta deste aspecto, a igreja se torna monumental, apesar de não ter grandes dimensões, pois sua nave tem, aproximadamente, apenas noventa metros quadrados de área útil e o topo de sua torre tem cerca de nove metros de altura.

Enfim, a igreja como monumento, patrimônio cultural, deve ser entendida em seu conjunto formado por ela, por sua pequena colina e pela arquitetura de base circundante, pois este aspecto lhe confere magnificência, o destaque original e natural em relação à preexistência.

A edificação religiosa foi construída com a utilização de pedras do local, caiada, com esquadrias trabalhadas em madeira de lei, e cobertura de telhas cerâmicas. Outrossim, seu estilo é, nitidamente, inspirado na arquitetura Neocolonial. Entretanto, não se sabe, até o momento, quem é o autor do projeto.



Fig. 7: Igreja São Francisco de Assis. Fonte: fotos do autor de 2014.

Nos últimos cinco anos a sua ambiência começou a ser modificada a partir da construção da panificadora Boa Massa e, mais recentemente, pela construção de uma edificação residencial multifamiliar, ambas com quatro pavimentos, ultrapassando o limite previsto em lei. Esta situação é mais uma demonstração do silêncio conivente da administração municipal em relação ao descumprimento da lei de uso e ocupação do solo urbano.

Trata-se de intervenções que desconsideram a ambiência da Igreja São Francisco de Assis, destruindo a arquitetura de base, formada essencialmente por casas térreas dos operários e, conseqüentemente, modificando o aspecto monumental da igreja, haja vista que destruindo o seu referencial de ambiência, modifica-se também a percepção do observador em relação ao monumento.

As edificações construídas na circunvizinhança da igreja, no entendimento deste estudo, mudaram a percepção do monumento religioso em questão, e não contribuem com a arquitetura contemporânea, pois se fixam, meramente, como manifestações do mercado da construção, apresentando-se com aspecto vulgar em relação ao uso de materiais e modelos construtivos, discordando da preexistência em volumetria, densidade, ritmo e textura nas fachadas.



Fig. 8: Panificadora (a esquerda); Prédio Residencial (centro); vista dos prédios a partir da Igreja São Francisco de Assis (a direita). Fonte: fotos do autor de 2014.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fato da historiografia oficial não ter evidenciado a importância do patrimônio do sítio industrial de Paulo Afonso para história da arquitetura, urbanismo e industrialização nacional, construindo narrativas voltadas apenas aos interesses de divulgação da missão desenvolvimentista da CHESF, abriu caminho para intervenções urbanas que estão extinguindo progressivamente aqueles bens culturais.

A descaracterização daquele patrimônio edificado, além de estar associada à influência especulativa dos promotores imobiliários, também é facilitada pela falta de uma política de salvaguarda e tutela. A falta de reconhecimento deste conjunto industrial, de suas características específicas e importância, por parte dos que administram a cidade, é um fato que intensifica o descaso e falta de ações dirigidas para sua proteção.

Entretanto, é lamentável constatar que o desconhecimento ou a incapacidade para tratar o sítio onde se constitui aquele patrimônio industrial não se limita aos administradores e políticos, mas é nata aos arquitetos que atuaram naquele sítio da cidade, os quais acabam se comportando como agentes dos promotores imobiliários locais. Tal comportamento denota a má formação desses profissionais, aliada ao imediatismo mercadológico e, assim, culminando numa postura de descompromisso com o patrimônio.

Diante deste contexto, entende-se que só subvertendo o discurso estabelecido nas narrativas que forjaram a memória escrita de Paulo Afonso, ou seja, cessando a história que se repete continuamente como uma cadeia de fatos montados, de forma determinista, para justificar as ações dos que forjam uma memória coletiva, seria possível caracterizar a complexidade e diversidade dos artefatos que compõem o patrimônio no seu sítio industrial, evidenciando as suas particularidades que o eleva ao posto de Patrimônio Cultural.

*"[...] a partir do momento em que são reconhecidos os valores patrimoniais que motivam o imperativo da conservação de determinado bem, devemos inevitavelmente operar de modo a garantir a sua tutela e preservação. Quando tratarmos de intervenções em áreas urbanas de interesse patrimonial, os critérios prevalentes devem ser aqueles de caráter cultural [...]".* (Rufinoni, 2013, p. 220)

Enfim, compreende-se que, ao caracterizar o patrimônio referido, haveria condições de disponibilizar subsídios para construção de um projeto com diretrizes voltadas à salvaguarda e tutela daqueles bens, baseando-se no disponível escopo teórico da "conservação e restauro" em consonância com as suas especificidades.

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

Andrade Junior, N. V. de. (2008). *Rediscutindo alguns aspectos da preservação do patrimônio urbano: a cidade como palimpsesto e a estratificação dos sítios de valor histórico-artístico*. In: X Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2008, Recife. Anais do X Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Recife: MDU-UFPE.

Andrade Junior, N. V. de y Santos Neto, E. F. D'O. (2010). *Cipó (1935) e Paulo Afonso (1948): duas cidades novas no semi-árido baiano*. In: XI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo, 2010, Vitória, Espírito Santo. Anais do XI Seminário de História da Cidade e do Urbanismo. Vitória, Espírito Santo: UFES.

Andrade Junior, N. V. de (2012). *Arquitetura moderna na Bahia, 1947-1951: uma história a contrapelo*. 305 f. Volume 1. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia.

Andrade Junior, N. V. de (2012). *Arquitetura moderna na Bahia, 1947-1951: uma história a contrapelo*. 324 f. Volume 2. Tese (Doutorado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia.

Brasil (2011). Decreto n.º 25.865, de 24 de novembro de 1948. Cria o Parque Nacional de Paulo Afonso. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/34948710/Parque-Nacional-de-Paulo-AfonsoExtinto-Paulo-Afonso-National-Park-Abolished>>.

Braz, E. C. de A. e Souza, H. B. de e Cavalcante, L. A. M. (2006). *Avaliações nos acampamentos da CHESF*. Fortaleza: IBAPE – XXII UPAV / XIII COBREAP.

CHESF (1952). *Cia. Hidro-Elétrica do São Francisco: Usina de Paulo Afonso. Arquitetura e Engenharia*. IAB-MG, Belo Horizonte, n° 20, pp. 64-66, jan.-fev.

Frampton, K. (1997). *História crítica da arquitetura moderna*. São Paulo: Martins Fontes. 470 p.

Gagnebin, J. M. (2011). *História e narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva. 114 p.

Giovannoni, G. (1929) *Questioni di Architettura nella Storia e nella Vita: edilizia – estetica architettonica – restauri – ambiente dei monumenti*. Roma: Biblioteca d'Arte Editrice.

Gomes, M. A. A. de F. e Corrêa, E. L. (Org.) (2011). *Reconceituações contemporâneas do patrimônio*. Salvador: EDUFBA.

Kessel, C. (2008). *Arquitetura neocolonial no Brasil: entre o pastiche e a modernidade*. Rio de Janeiro: Jauá. 271 p.

Jucá, J. (1982). *Chesf – 35 anos de história*. Recife: CHESF.

Paulo Afonso. (199). *Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano Ambiental, Termo de Referência de Políticas Urbanas (Vol. 1)*. Paulo Afonso/BA.

Rossi, A. (1995). *A Arquitetura da Cidade*. São Paulo: Martins Fontes. 309 p.

Rufinoni, M. R. (2013). *Preservação e restauro urbano: intervenções em sítios históricos industriais*. São Paulo: Fap-Unifesp: Edusp. 360 p.

Segawa, H. (1998). *Arquiteturas no Brasil 1900-1990*. São Paulo: EDUSP.

Silva, A. G. da (2014). *De Forquilha a Paulo Afonso: histórias e memórias de pioneiros*. Paulo Afonso/BA: Editora Viva. 456 p.

Silva, A. G. da (1981). *Revista Paulo Afonso: Redenção do Nordeste*. Campina Grande/PB: Grafset.